

PROTAGONISMO FEMININO NOS QUINTAIS PRODUTIVOS DO QUILOMBO SANTA RITA DO BRACUÍ: SABERES, SABORES E PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS

Deborah Terezinha Conceição¹

Jussara Adriano de Souza²

Monika Richter³

Resumo: Este trabalho analisa os saberes e sabores oriundos dos quintais produtivos do Quilombo Santa Rita do Bracuí, em Angra dos Reis/RJ, território de rica sociobiodiversidade. O objetivo é investigar e valorizar os saberes tradicionais e os sistemas produtivos presentes nestes espaços, compreendendo-os como expressões de resistência cultural frente às heranças coloniais e destacando o protagonismo feminino na manutenção da cultura alimentar e agroecológica. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de caráter etnográfico e etnogeográfico, fundamentada em análise documental, vivências em campo e entrevistas semiestruturadas. Os resultados apontam que os quintais, conduzidos predominantemente por mulheres, são mais do que espaços de produção agrícola; são territórios de memória, transmissão de saberes e garantia de segurança alimentar, onde se cultivam espécies fundamentais como a mandioca e a banana. Iniciativas como a "Cozinha das Tradições" reforçam a valorização da alimentação ancestral. Apesar de sua importância, a comunidade enfrenta desafios como a ausência de regularização fundiária e a pressão imobiliária. Conclui-se que os quintais produtivos se constituem como pilares da resistência cultural e ecológica, reafirmando a identidade quilombola e promovendo a soberania alimentar.

Abstract: This paper analyzes the knowledge and flavors originating from the productive backyards of the Quilombo Santa Rita do Bracuí, in Angra dos Reis/RJ, a territory rich in socio-biodiversity. The objective is to investigate and value the traditional knowledge and production systems present in these spaces, understanding them as expressions of cultural resistance to colonial legacies and highlighting the leading role of women in maintaining food culture and agroecological practices. The research adopted a qualitative, ethnographic, and ethnogeographic approach, based on documentary analysis, field experiences, and semi-structured interviews. The results indicate that the backyards, predominantly managed by women, are more than agricultural production spaces; they are territories of memory, knowledge transmission, and food security, where fundamental species such as cassava and banana are cultivated. Initiatives like the "Cozinha das Tradições" (Kitchen of Traditions) reinforce the appreciation of ancestral foodways. Despite their importance, the community faces challenges such as the lack of land tenure regularization and real estate pressure. It is concluded that these productive backyards constitute fundamental pillars of cultural and ecological resistance, reaffirming the quilombola identity and promoting food sovereignty.

Palavras-chave: Conhecimento tradicional, Povos e Comunidades Tradicionais, Baía da Ilha Grande.

Keywords: Traditional knowledge, Traditional Peoples and Communities, Ilha Grande Bay.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação de Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

² Graduanda da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

³ Docente (PPGGEO/UFRRJ; IEAR/UFF)

INTRODUÇÃO

O Brasil foi o maior território escravista do hemisfério ocidental durante quase três séculos e meio. Recebeu, cerca de 5 milhões de africanos/as escravizados/as, 40% do total de 12,5 milhões embarcados para a América. Atualmente é o segundo país de maior população negra (pretos e pardos) ou de origem africana do mundo, representando 56% da população brasileira. O Brasil foi também a nação que mais tempo resistiu a acabar com o tráfico negreiro e o último a abolir oficialmente o cativeiro no continente americano, em 1888 (Gomes, 2019).

Essa mesma lógica de exploração e dominação, contudo, não desapareceu com o fim do cativeiro. No campo da agricultura, ela foi reconfigurada através do modelo da "Revolução Verde", que embora difundida sob o discurso de modernização e aumento da produtividade agrícola, representou, na prática, a intensificação e a sofisticação da lógica colonial. Como aponta De Melo (2023, p. 2), ela foi “um dos principais meios de expandir o capital, reforçando as colonialidades e invisibilizando saberes e práticas”. A introdução de um pacote tecnológico baseado em sementes geneticamente modificadas, insumos químicos sintéticos, mecanização intensiva e irrigação em larga escala promoveu uma profunda transformação no campo. Esse processo não apenas gerou dependência dos agricultores em relação a um pequeno grupo de corporações transnacionais, mas também provocou graves impactos ambientais, como a contaminação de solos e águas, a perda de biodiversidade e a erosão genética.

Contudo, é fundamental compreender que, embora “a ofensiva da ‘revolução’ verde ainda seja hegemônica, seu avanço não se deu sem resistência” (Novaes, 2019, p. 194). Em todo o território nacional, a imposição desse modelo encontrou e continua a encontrar barreiras nas práticas e nos modos de vida de diversos grupos sociais. Movimentos camponeses, comunidades indígenas, povos quilombolas e povos de terreiro têm, historicamente, articulado e executado ações de enfrentamento (Conceição, 2019). Essa resistência não se manifesta apenas em lutas políticas diretas pela terra e por direitos, mas também na persistência e na recriação cotidiana de formas de ser, viver e produzir a continuidade ininterrupta de determinados princípios e valores africanos que constituem alternativas concretas ao modelo dominante (Luz, 2017). É nesse cenário de disputa de narrativas e de projetos de futuro que a Agroecologia se consolida como uma potente contracorrente.

A Agroecologia emerge, assim, como uma resposta aos dilemas do sistema agroalimentar hegemônico. Ela pode ser compreendida a partir de uma tripla dimensão que se entrecruza e se retroalimenta: a) como um campo científico; b) como um conjunto de práticas; agrícolas; e c) como um movimento social (Sevilla Guzmán; Ottmann, 2004). Como ciência, a Agroecologia dialoga com diversas áreas do conhecimento, como a ecologia, a sociologia, a

antropologia e a geografia, para compreender os agroecossistemas em sua totalidade. As raízes mais profundas da Agroecologia, no entanto, estão fincadas nos saberes e fazeres de agricultores/as e comunidades tradicionais ao redor do mundo (Mutuano, 2005). São esses grupos que, por meio de séculos de observação, experimentação e transmissão oral, desenvolveram sistemas agrícolas complexos, resilientes e adaptados às condições locais. Nesse sentido, a Agroecologia se estabelece por meio de uma combinação horizontal e dialógica entre o conhecimento tradicional e o conhecimento científico.

Dentro do vasto repertório de práticas agroecológicas, os Sistemas Agroflorestais (SAF) e, em particular, os quintais produtivos, representam exemplos emblemáticos. Os SAFs são sistemas que consorciavam espécies arbóreas com cultivos agrícolas e/ou criação de animais, buscando uma sinergia que otimiza o uso dos recursos e gera múltiplos benefícios, como a produção sustentável de alimentos e a proteção dos solos (Junqueira *et al.*, 2013; Silva *et al.*, 2019).

Os quintais produtivos, por sua vez, são compreendidos como os espaços situados no entorno das casas, onde se cultiva uma grande diversidade de plantas para fins medicinais, condimentares, frutíferas e madeireiras, além da criação de animais de pequeno porte (Dos Santos; Cima; Boni, 2018). Mais do que simples áreas de cultivo, os quintais são laboratórios vivos, espaços de socialização e o núcleo da segurança e soberania alimentar e nutricional das famílias, refletindo em sua composição a cultura e a identidade de quem os maneja (Soares, 2020). Os quintais produtivos possuem também valor cultural, socioeconômico, conhecimento ancestral, segurança alimentar e principalmente de conservação da biodiversidade: essa rica diversidade é importante não somente para a segurança alimentar e estabilidade econômica daquele lar em particular, mas também para a saúde do sistema agroecológico como um todo. Os quintais são uma das formas mais antigas de manejo da terra, fato esse que, por si só, indica sua sustentabilidade (Amaral; Guarim-Neto, p. 1, 2008).

Nesta relação intradomiciliar, a categoria geográfica "lugar" é identificada como o local de cuidado e manejo da vida, onde a mulher se destaca, sendo o ambiente de cultivo e preservação fundamental para essa dinâmica (Amaral; Guarim-Neto, 2008; Martins; Montezuma, 2019). Elas são as guardiãs das sementes, as detentoras dos conhecimentos sobre as ervas medicinais, as responsáveis pela transmissão de receitas e histórias que conectam as gerações. O quintal, portanto, é o domínio por excelência da mulher, onde seu trabalho e seu saber são fundamentais para a manutenção da família e da comunidade.

No contexto específico do Quilombo Santa Rita do Bracuí, objeto deste estudo, essa articulação entre o fazer agrícola, o espaço do quintal e o protagonismo feminino ganha uma

camada de significação ainda mais densa, que pode ser compreendida a partir do conceito de Negro Habitar. Proposto por Montezuma *et al.* (2025), este conceito refere-se às práticas sociais do habitar quilombola que revelam formas de ser e estar no mundo indissociáveis da natureza. O Negro Habitar expressa-se na materialidade do território, onde princípios afrocivilizatórios de coletividade, circularidade e ancestralidade se manifestam. Trata-se de uma forma de produzir territorialidades negras que se constitui como alternativa e resistência ao racismo antinegro, presente na sociedade brasileira. Os quintais produtivos, nesse sentido, são a expressão viva do Negro Habitar.

Diante do exposto, a presente pesquisa, se propõe a mergulhar na realidade do Quilombo Santa Rita do Bracuí para investigar e valorizar os saberes e sabores que emanam de seus quintais produtivos. Este trabalho se justifica pela necessidade de dar visibilidade a essas experiências que, em sua aparente simplicidade, contêm complexos sistemas de conhecimento e representam estratégias eficazes de resistência cultural e de construção de alternativas ao desenvolvimento hegemônico.

O objetivo central, portanto, é compreender os quintais produtivos como expressões da sociobiodiversidade e da resistência cultural quilombola frente às heranças coloniais. Para tanto, busca-se analisar como os saberes tradicionais são manejados e transmitidos; destacar o protagonismo feminino na manutenção da cultura alimentar e das práticas agroecológicas; e discutir como esses espaços se consolidam como pilares para a soberania alimentar, a autonomia e a afirmação da identidade da comunidade quilombola.

METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma abordagem de pesquisa qualitativa, compreendida como o campo de investigação voltado para o universo de significados, crenças, valores e práticas que constituem a experiência humana em seu cotidiano (Minayo, 2014). Tal abordagem foi escolhida por sua potência em capturar a subjetividade e a complexidade das dinâmicas socioculturais do Quilombo Santa Rita do Bracuí.

O delineamento metodológico assumiu um caráter etnográfico e etnogeográfico, orientado para a compreensão densa dos modos de vida, da organização espacial e dos sistemas de produção locais a partir da perspectiva dos próprios sujeitos (Ribeiro, 2021). A pesquisa foi pautada por uma postura de escuta sensível e de diálogo intercultural, valorizando os saberes tradicionais como produções de conhecimento legítimas.

A coleta de dados em campo foi realizada por meio de diferentes técnicas, visando conferir maior profundidade à análise. Os instrumentos utilizados foram:



- **Análise Documental:** Foi realizado um levantamento de materiais produzidos pela própria comunidade.
- **Observação Participante:** A imersão prolongada no cotidiano da comunidade, com participação em atividades nos quintais produtivos (plantio, colheita, beneficiamento), foi fundamental para a compreensão das práticas, dos gestos e das interações que não são verbalizadas, mas que estruturam o saber-fazer local.
- **Entrevistas Semiestruturadas:** Foram conduzidas entrevistas com moradoras e lideranças comunitárias. O formato semiestruturado permitiu que, a partir de eixos temáticos pré-definidos (práticas agroecológicas, cultura alimentar e memória), as narrativas fluíssem livremente, revelando aspectos subjetivos e a profundidade da relação com o território.
- **Registro Audiovisual:** A utilização de fotografia, vídeo e gravação de áudio foi empregada como uma estratégia de documentação etnográfica, sempre com o consentimento explícito das participantes.

Ao longo de todo o processo, a pesquisa respeitou os princípios éticos que regem o trabalho com povos e comunidades tradicionais, assegurando o cumprimento do protocolo de consulta prévia, livre e informada e garantindo que os resultados do estudo fossem validados e retornados à comunidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Resultante do conhecimento ancestral, o Quilombo Santa Rita do Bracuí, localizado em Angra dos Reis (RJ), mantém viva a prática dos quintais produtivos, organizados pelos núcleos familiares e conduzidos predominantemente pelas mulheres. Esses quintais são mais do que espaços de produção agrícola: são territórios de resistência, memória e transmissão de saberes, garantindo segurança alimentar e fortalecendo a identidade quilombola.

A análise etnográfica e etnogeográfica no Quilombo Santa Rita do Bracuí revela que os quintais produtivos transcendem a função de meros espaços de cultivo agrícola. Eles se constituem como sistemas complexos, sendo territórios de resistência, reprodução cultural e memória ancestral, cuja gestão é predominantemente feminina.

Nesses espaços, a sociobiodiversidade se manifesta no cultivo de espécies alimentares fundamentais para a segurança e soberania alimentar local, como a mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), base para a produção de farinha, a banana (*Musa spp*), o inhame (*Colocasia esculenta* (L.) Schott) e a fruta-pão (*Artocarpus altilis* (PARK.) Fosberg). Somam-se a estas as plantas condimentares, como o coentro (*Coriandrum sativum* L.), o manjerição (*Ocimum*

basilicum L.) e a pimenta (*Capsicum spp.*), além das plantas ornamentais que expressam a dimensão do cuidado e da estética do território (Soares; Cortines, 2021).

A pesquisa de campo evidencia que a sustentabilidade desses sistemas se alicerça na transmissão intergeracional de saberes, mantida pela oralidade e pela prática cotidiana. Os quintais funcionam como espaços pedagógicos informais, onde o conhecimento sobre técnicas de cultivo, beneficiamento de alimentos e usos medicinais das plantas é repassado. Esta dinâmica transforma a agricultura em um ato cultural intrinsecamente ligado à identidade quilombola. A percepção dos quintais como uma "escola viva" é corroborada pelo depoimento de Jussara Adriano de Souza, jovem liderança da comunidade:

“Sou Jussara Adriano de Souza, nascida e criada na comunidade Quilombola [...]. Como dizia o meu avô e minha tia Joana, para gente, a enxada é nossa caneta e a terra é nosso papel. [...] Os quintais produtivos são como uma escola, uma escola de contação de histórias da comunidade, uma escola viva, rica em ancestralidade e transmissão do saber quando a gente fala do jongo, da capoeira, das brincadeiras antigas que eram feitas na comunidade...” (Souza, 2025).

O testemunho de Souza (2025) é emblemático ao metaforizar a enxada como "caneta" e a terra como "papel", posicionando o fazer agrícola como uma forma de escrita e registro da história e do conhecimento local. A fala articula diretamente o manejo da terra à preservação do patrimônio imaterial, como o jongo e a capoeira, demonstrando que os quintais são espaços onde cultura e agricultura se fundem indissociavelmente.

A análise da dinâmica social dos quintais produtivos evidencia o protagonismo feminino como seu eixo estruturante. As mulheres atuam como guardiãs dos saberes ancestrais, articulando o cuidado com a terra, a preservação da agrobiodiversidade e a nutrição da família. Essa mediação feminina é fundamental para a manutenção da memória coletiva e da identidade cultural. A iniciativa "Cozinha das Tradições", um coletivo protagonizado por mulheres de Povos e Comunidades Tradicionais, emerge como um potente instrumento de valorização dessa dinâmica. Por meio da culinária, os produtos dos quintais são ressignificados, reafirmando a conexão entre alimento, território e ancestralidade. Sua atuação se baseia na valorização da agricultura e cultura alimentar local, utilizando ingredientes e receitas dos próprios territórios, no fomento ao diálogo intergeracional entre mestras dos saberes e a juventude e na compreensão da cozinha como um espaço de formação política. Por meio de processos de aprendizagem coletivos, a iniciativa fortalece identidades, gera autonomia e conecta as pautas das participantes a agendas mais amplas de gênero, raça e classe, transformando o ato de cozinhar

em uma potente ferramenta de afirmação cultural e política (Associação Brasileira de Agroecologia, 2024). A fala de Flávia da Silva Adriano (2025), integrante da Cozinha das Tradições, artesã e atual Presidente da Associação de Moradores, ilustra essa conexão:

“Eu sou Flávia da Silva Adriano. Eu faço parte da Cozinha das Tradições e fazer parte da Cozinha das Tradições para mim significa recordar a minha infância, a minha mãe e a minha avó. É fazer a comida sem agrotóxico e colocar na mesa para a gente se alimentar, é uma comida pura, limpa, e não uma comida que vem do mercado.” (Adriano, 2025).

O depoimento de Adriano (2025) contrapõe o alimento "puro", oriundo do quintal e do saber-fazer tradicional, ao alimento "do mercado", anônimo, industrializado e com agrotóxico. Essa distinção evidencia uma postura de resistência cultural e política que se manifesta no ato de cozinhar e compartilhar. A Cozinha das Tradições, portanto, não apenas fortalece a economia solidária e a autonomia alimentar, mas também se firma como um espaço de reafirmação do afeto e do cuidado como práticas de soberania.

Apesar de sua centralidade para a vida quilombola, os quintais produtivos e o território como um todo enfrentam graves ameaças externas, que colocam em risco sua continuidade. A ausência de regularização fundiária, com o processo de titulação em trâmite no INCRA desde 2005, gera um cenário de insegurança jurídica que vulnerabiliza a comunidade frente a pressões externas. Somam-se a isso intervenções do poder público, como obras realizadas no entorno do rio Bracuí, executadas sem o consentimento prévio da comunidade, desrespeitando seus direitos territoriais.

Essa vulnerabilidade é intensificada pela crescente especulação imobiliária na região de Angra dos Reis, que impõe uma lógica de desenvolvimento predatória, ameaçando a permanência das famílias em seu território tradicional. Tal processo é agravado pela invisibilidade social e pelo desconhecimento, por parte da sociedade mais ampla, da riqueza cultural e produtiva do quilombo, o que contribui para sua marginalização.

Em resposta a este cenário adverso, a comunidade tem desenvolvido estratégias de resistência proativas e coletivas. A Tabela 1 sintetiza os principais desafios e as respostas comunitárias:

Tabela 1: Matriz de desafios e estratégias de resistência no Quilombo Santa Rita do Bracuí.

Desafios Enfrentados pela Comunidade	Formas de Resistência e Estratégias Adotadas
---	---



Ausência de regularização fundiária (INCRA, desde 2005)	Mobilização coletiva para reafirmação do território e acompanhamento de processos legais.
Obras públicas sem consentimento prévio	Articulação comunitária e vigilância sobre intervenções externas para garantir direitos.
Pressão da especulação imobiliária	Fortalecimento dos quintais produtivos como espaços de autonomia econômica e preservação cultural.
Invisibilidade social e desconhecimento da cultura local	Criação de projetos de valorização do patrimônio, como “A Juçara é nossa”.
Risco de erosão dos saberes tradicionais	Organização de mutirões de plantio e colheita, distribuição de mudas e fomento à transmissão intergeracional.

Fonte: Elaboração própria (2025), com base nos dados de campo.

As estratégias adotadas, como os mutirões para o manejo da palmeira juçara (*Euterpe edulis*) e o projeto "A Juçara é nossa", realizado pelo Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT) junto as comunidades tradicionais de Mangaratiba, Angra dos Reis, Paraty no estado do Rio de Janeiro e Ubatuba, São Sebastião e Ilhabela no estado de São Paulo, demonstram a capacidade de agência da comunidade. Essas ações não apenas visam a geração de renda e a conservação ambiental, mas também funcionam como poderosas ferramentas de mobilização interna e de afirmação da sua identidade e direitos perante a sociedade externa. Dessa forma, os quintais produtivos e as práticas agroecológicas a eles associadas consolidam-se como o alicerce da resistência cultural e ecológica do Quilombo Santa Rita do Bracuí.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao término desta investigação, conclui-se que os quintais produtivos do Quilombo Santa Rita do Bracuí se revelam como expressões potentes e multifacetadas da resistência cultural e da identidade quilombola. A pesquisa atendeu ao objetivo de valorizar estes espaços, demonstrando que eles operam como sistemas complexos, onde a prática agrícola está indissociavelmente ligada à preservação da memória, à transmissão de saberes ancestrais e à autonomia comunitária.

Os resultados apontam para o protagonismo feminino como a força motriz que sustenta esses territórios. As mulheres do Quilombo Santa Rita do Bracuí, ao gerirem os quintais, não apenas garantem a segurança alimentar e a conservação da agrobiodiversidade, mas também atuam como mediadoras centrais na reprodução da cultura e na manutenção do equilíbrio ecológico, reafirmando seu papel fundamental na estrutura social da comunidade. Nesse sentido, os quintais agroflorestais transcendem sua função material para se tornarem espaços simbólicos onde a identidade coletiva é nutrida e reafirmada cotidianamente.

Ademais, este trabalho posiciona os quintais como territórios pedagógicos, políticos e espirituais. São pedagógicos porque neles se aprende, pela prática, a relação de cuidado com a terra. São políticos porque sua existência e produtividade desafiam o modelo hegemônico do agronegócio e as pressões da especulação imobiliária, afirmando o direito ao território e a um modo de vida próprio. E são espirituais porque conectam as gerações presentes à sua ancestralidade, inscrevendo no manejo da terra uma cosmovisão que resiste às tentativas de apagamento.

Diante do exposto, ainda que estejamos diante de enormes desafios, impostos por um modo de produção que mercantiliza a terra e invisibiliza saberes, as experiências do Quilombo Santa Rita do Bracuí demonstram que mudanças não são utopias. Neste contexto, valorizar seus quintais produtivos é uma ação que ultrapassa o reconhecimento de sua importância agrícola; é um ato político. Significa compreender sua centralidade como espaços de produção de vida que, na prática, se contrapõem à lógica hegemônica, fortalecem identidades e sustentam modos de existência. Apoiar essas práticas é, portanto, investir em um dos mais potentes sinais de que a transição para um futuro mais justo e sustentável já está em curso.

Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRRJ pelo apoio no desenvolvimento da pesquisa. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 / This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AGROECOLOGIA (ABA). **Caderno Síntese dos Processos dos CBAs: Metodologias, Inspirações e Experimentações na Construção do Conhecimento Agroecológico** (Volume 2), 2024. Disponível em: <https://aba->

agroecologia.org.br/wp-content/uploads/2024/12/24-11-01-ABA-Caderno-sintese-v16_01-12-2024_AC-WEB.pdf. Acesso em: 06 de out. 2025.

AMARAL, C.N.; NETO, G.G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v.3, n.3, p.329-341, 2008.

CONCEIÇÃO, D. T. **Ogbà Mímo**: Livro das folhas sagradas. Campinas, SP: D7 Editora, 2019.

DE MELO, E. C. S. Agroecologia na práxis decolonial: apontamentos e reflexões. **XV Encontro Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia**, 2023. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enanpege/2023/TRABALHO_COMPLETO_EV187_MD6_ID2428_TB1505_27112023232936.pdf. Acesso em: 14 de mai. 2024.

DOS SANTOS, G. R; CIMA, J. I; BONI, V. Quintais produtivos: A experiência das mulheres camponesas em Santa Catarina. In: PULGA, V. L *et al.* **Mulheres camponesas**: Semeando agroecologia, colhendo saúde e autonomia. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2018.

GOMES, L. **Escravidão**: do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de Zumbi dos Palmares, volume 1. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

JUNQUEIRA, A. D. C.; SCHLINDWEIN, M. N.; CANUTO, J. C.; NOBRE, H. G.; SOUZA, T. D. J. M. Sistemas agroflorestais e mudanças na qualidade do solo em assentamento de reforma agrária. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 8, n. 1, p. 102-115, 2013.

LUZ, M. A. de O. **Agadá**: dinâmica da civilização afrino-brasileira. Salvador: EDUFBA, 2017.

MARTINS, F. E. S; MONTEZUMA, R. de C. M. Quintais quilombolas no contexto do PEU das Vargens - Rio de Janeiro: por uma ecologia política. In: **Encontro Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia**. 13., 2019, São Paulo. Anais... São Paulo: USP: 2019.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

MONTEZUMA, R. de C. *et al.* Habitar negra(o): confluências espaciais quilombolas. XXI Enanpur, sessão livre, 2025. **Anais do XXI Encontro Nacional da ANPUR. Ideias, Políticas e Práticas em Territorialidades do Sul Global**. Curitiba: Editora Realize, 2025.

MUTUANDO, Instituto Giramundo. **A Cartilha Agroecológica**. Botucatu, SP: Editora Criação Ltda, 2005.

NOVAES, H. T. *et al.* Agroecologia e as Escolas de agroecologia do MST. In: NOVAES, H. T; MAZIN, A. D.; SANTOS, L. **Questão agrária, cooperação e agroecologia**. Marília: Lutas Anticapital, 2019.

RIBEIRO, Zenilda Lopes. Uma abordagem conceitual sobre a etnogeografia: definições, gênese e fundamentos. **Terra Livre**, v. 2, n. 57, p. 39-60, 2021.

SILVA, É. B. R.; DA SILVA, W. C.; DE SOUSA, E. D. V.; DA CRUZ GATO, A. P. Sistemas agroflorestais como alternativa agroecológica: Revisão. **Pubvet**, v. 13, p. 170, 2018.

SEVILLA GUZMÁN, E.; OTTMANN, G. Las dimensiones de la Agroecología. In: INSTITUTO DE SOCIOLOGÍA Y ESTUDIOS CAMPESINOS. **Manual de**



olivicultura ecológica. Córdoba: Universidad de Córdoba, 2004. p. 11-26. (Proyecto Equal-Adaptagro).

SOARES, M. M. R.; CORTINES, A. C. **A Cultura alimentar do Quilombo de Santa Rita do Bracuí:** mandioca, batata-doce, banana, inhame e fruta – pão. Angra dos Reis, RJ: Satine Criativa, 2021.